

Relatório indica que, no último mês, a taxa de prevenção de casos leves de covid-19 caiu de 91% para 64%. A efetividade se manteve alta para infecções graves. Segundo o governo, os números são preliminares, mas sinalizam o poder infeccioso da nova variante

Efeito Delta: vacina protege menos em Israel



Jack Guez/AFP



País aplicou a segunda dose em mais de 60% da população: recentemente, casos diários de infecção subiram de cinco para 300

A Delta é muito mais infecciosa, mas parece não levar a tantas doenças graves e morte, especialmente porque, agora, temos a vacina"

Nadav Davidovitch, membro do comitê consultivo de especialistas do governo em covid-19

das restrições sociais. Tudo isso contribuiu para essa queda registrada pelos pesquisadores, mesmo em uma análise bastante preliminar", analisa.

O especialista brasileiro avalia que o novo estudo não deve gerar grande preocupação. "Essa queda de eficiência chama a atenção, mas se trata dos casos mais leves apenas, os graves seguem sendo evitados, que é o que mais nos interessa. Ao evitá-los, impedimos a lotação dos hospitais e as complicações mais graves da doença. Por isso, acredito que não é algo tão grave", justifica.

Machado também acredita que a aplicação de uma terceira dose pode ser uma boa saída para contornar o problema caso as taxas de efetividade se mantenham em queda. "É possível que isso aconteça primeiro em Israel, que já tem uma grande quantidade de pessoas vacinadas, e é algo que esperamos também no Brasil. As autoridades até já planejam, só que, para nós, ainda está cedo, pois estamos indo de vagar na aplicação", afirma. "Essa é uma alternativa simples e que pode contribuir para controlar a situação até que as vacinas sejam atualizadas para as novas cepas, como a Delta."

a detectada em maio, de 91%. A queda se deu justamente no período em que a cepa identificada, pela primeira vez, na Índia estava se espalhando em Israel, ressaltou o ministério.

O levantamento também mostra que a taxa de proteção para casos graves da enfermidade se manteve alta: 93%, contra 97% em maio. "A Delta é muito mais infecciosa, mas parece não levar a tantas doenças graves e morte, especialmente porque, agora, temos a vacina", declarou ao jornal britânico *The Financial Times* Nadav Davidovitch, membro do comitê consultivo de especialistas do governo em covid-19, em Israel. O especialista também enfatizou o fato de o estudo ser baseado em números preliminares.

Segundo Ran Balicer, presidente do Painel Nacional de Es-

Também os britânicos

No início deste ano, as autoridades de saúde britânicas também documentaram uma queda na eficácia da vacina da Pfizer em relação à variante Delta, porém menos grave. Em maio, a Public Health England, agência de saúde pública do Reino Unido, observou que a vacina fornecia proteção de 88% contra a infecção sintomática causada pela Delta e de 93% contra a variante Alpha, que foi identificada, pela primeira vez, no país.

especialistas em covid-19 de Israel, é "muito cedo para avaliar com precisão a eficácia das vacinas contra a variante". O especialista também disse à Agência France-Presse de notícias (AFP) que o surgimento da variante Delta como mutação dominante provoca uma "grande mudança na dinâmica da transmissão" do novo coronavírus.

Após a divulgação do relatório, o primeiro-ministro Naftali Bennett e o ministro da Saúde Nitzan Horowitz anunciaram o início de

Pfizer informou que os dados observados no estudo israelense são "preliminares e ainda não foram totalmente avaliados". O grupo também destacou que alguns estudos laboratoriais e pesquisas do mundo real mostram que o imunizante funciona contra uma série de variantes, incluindo a Delta.

Relaxamento

O aumento dos casos de infecção também coincide com o fim das restrições de distanciamento social. Bennett advertiu, no último domingo, que, "com a variante Delta fora de controle", o país pode ser obrigado a retomar algumas medidas. Para o infectologista Leandro Machado, os dados do relatório refletem o cenário atual do país. "Temos, agora, essa nova variante, que sabemos ser mais transmissível, além do fim

EVOLUÇÃO HUMANA

Sinal de atividades simbólicas entre os neandertais

A descoberta de um osso de um cervo esculpido, há 51 mil anos, por um neandertal sinaliza que essa espécie humana extinta era capaz de realizar atividades simbólicas, algo antes considerado uma capacidade exclusiva do homem moderno, o *Homo sapiens*. Os resultados da análise do artefato encontrado na Alemanha foram apresentados em um estudo científico publicado ontem, na revista especializada *Nature Ecology & Evolution*.

Os autores do artigo explicam que exemplos de arte e comportamento simbólico relacionados aos primeiros *Homo sapiens* que viveram na África e na Eurásia são abundantes. No entanto, faltavam evidências semelhantes que comprovassem essa capacidade cognitiva entre os neandertais, parentes próximos e extintos dos humanos modernos.

O osso estudado, que pertencia à pata de um cervo, foi encontrado durante escavações em um local próximo à área rochosa de Einhornhöhle, também chamada de Caverna do Unicórnio. O fóssil foi avaliado por métodos de análise refinados, como a datação de carbono, que definiu a sua idade.



Essa população vivia em grupos separados, não muito interligados. Com isso, as suas produções podem ter desaparecido por falta de uma simples transmissão"

Dirk Leder, arqueólogo do Escritório do Patrimônio da Baixa Saxônia

Uma análise microscópica sugere que a peça foi, inicialmente, fervida, para amolecer, e, depois, moldada.

Com cerca de 6cm de comprimento e 4cm de largura, o osso tem 10 linhas gravadas em um lado, seis das quais formam cinco divisões, com uma precisão que exclui um gesto acidental, segundo os cientistas. Esse desenho "provavelmente simboliza algo que tinha significado para os neandertais como um grupo",

disse à agência France-Presse de notícias (AFP) Dirk Leder, arqueólogo do Escritório do Patrimônio da Baixa Saxônia e um dos autores do estudo.

A equipe ainda não compreende o significado da gravação, mas eles estão convencidos de que ela comunica "uma ideia, uma história, algo que fazia sentido para um grupo", de acordo com Leder. Os pesquisadores também destacam que cervos gigantes eram raros ao norte dos Alpes naquela

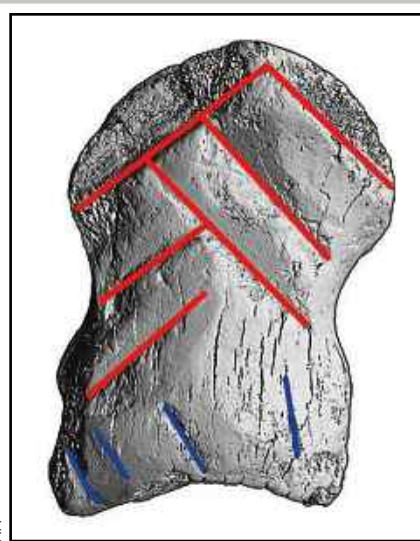
época, o que reforça a ideia de que a gravura tinha um significado simbólico para o grupo.

Proximidade intelectual

As descobertas ligadas aos neandertais, que desapareceram há cerca de 40 mil anos, têm aumentado nos últimos anos, assim como a curiosidade a respeito desse primo do homem moderno. Em um artigo opinativo que acompanha o estudo alemão, a

paleoantropóloga britânica Silvia Bello lembra que os neandertais sabiam fazer ferramentas com ossos para tratar peles de animais e podiam realizar rituais fúnebres, mas poucas formas de arte foram atribuídas a eles.

No caso do osso estudado, "tudo indica um conhecimento sofisticado e uma grande habilidade de trabalhar o osso", avalia Bello, que também é pesquisadora no Museu de História Natural de Londres. Para Dirk Leder, a escas-



Osso de um cervo esculpido há 51 mil anos por "primos" extintos do homem moderno: Linhas não foram traçadas aleatoriamente

sez de obras atribuídas aos neandertais talvez tenha uma causa bastante prosaica. "Essa população vivia em grupos separados, não muito interligados. Com isso, as suas produções podem ter desaparecido por falta de uma simples transmissão", cogita.

O cientista e os colegas avaliam que o osso encontrado no norte da Alemanha é uma prova significativa de que os neandertais estavam próximos intelectualmente dos *Homo sapiens*, algo que precisa ser levado em consideração nos próximos estudos. Silvia Bello concorda: "A capacidade de aprender, de integrar a inovação na própria cultura e de se adaptar às novas tecnologias e aos novos conceitos abstratos deve ser reconhecida como um elemento de complexidade comportamental. O osso gravado de Einhornhöhle traz o comportamento de neandertal ainda mais perto do comportamento moderno do *Homo sapiens*."